

## ISTO NÃO É A AMÉRICA, CHARLIE BROWN THIS IS NOT AMERICA, CHARLIE BROWN

Luís Fernando de Souza Alves<sup>1</sup>  
Lucas Matheus Araujo Bicalho<sup>2</sup>  
Stefany Reis Marquioli<sup>3</sup>  
Guilherme Carvalho Vieira<sup>4</sup>

**RESUMO:** O artigo analisa como uma animação do *Peanuts* usa a narrativa dos pais peregrinos no forjar da identidade nacional estadunidense. A pesquisa tem como referencial Mary Anne Junqueira e Leandro Karnal, e enxerga fontes audiovisuais por seu conteúdo e contexto histórico de produção, apontando para cosmovisões dos autores e influências culturais. O episódio tem um conteúdo filosófico com propósito de moldar uma identidade cultural americana. Por meio de temas como fé e comunidade, a produção reflete a busca por unidade nacional, apesar de omissões históricas e anacronismos. Ronald Reagan, em seu discurso final como presidente, referiu-se à fala de John Winthrop sobre *uma cidade sobre a colina*, evocando um ideal de moralidade e unidade americana. Como o desenho, a afirmação do presidente foca uma narrativa. Esse conto fundacional sublinha uma identidade nacional centrada em um passado que ignora outras histórias e grupos.

**Palavras-chave:** América. Charlie Brown. Estados Unidos. Pais peregrinos. Puritanos.

**ABSTRACT:** This article analyzes how a *Peanuts* cartoon uses the narrative of the Pilgrim Fathers to forge American national identity. The research is based on Mary Anne Junqueira and Leandro Karnal, and examines audiovisual sources for their content and historical context of production, pointing to the authors' worldviews and cultural influences. The episode has philosophical content with the purpose of shaping an American cultural identity. Through themes such as faith and community, the production reflects the search for national unity, despite historical omissions and anachronisms. Ronald Reagan, in his final speech as president, referred to John Winthrop's speech about *a city upon a hill*, evoking an ideal of American morality and unity. Like the cartoon, the president's statement focuses on a narrative. This foundational tale underscores a national identity centered on a past that ignores other histories and groups.

**Keywords:** America. Charlie Brown. United States. Pilgrim fathers. Puritans.

### INTRODUÇÃO

Desenhos, assim como filmes, podem ser usados como fontes históricas e objetos históricos. A partir de uma fonte audiovisual, da análise dos discursos envolvidos e presentes ali, historiadores podem chegar ao conhecimento de uma época em que determinada fonte

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociedade, Ambiente e Território. Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: [luisf3@gmail.com](mailto:luisf3@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [bicalholucas7@gmail.com](mailto:bicalholucas7@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [stefanymarquioli@gmail.com](mailto:stefanymarquioli@gmail.com)

<sup>4</sup> Mestre em História Social. Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: [guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com](mailto:guilherme.carvalho.unimontes@gmail.com)

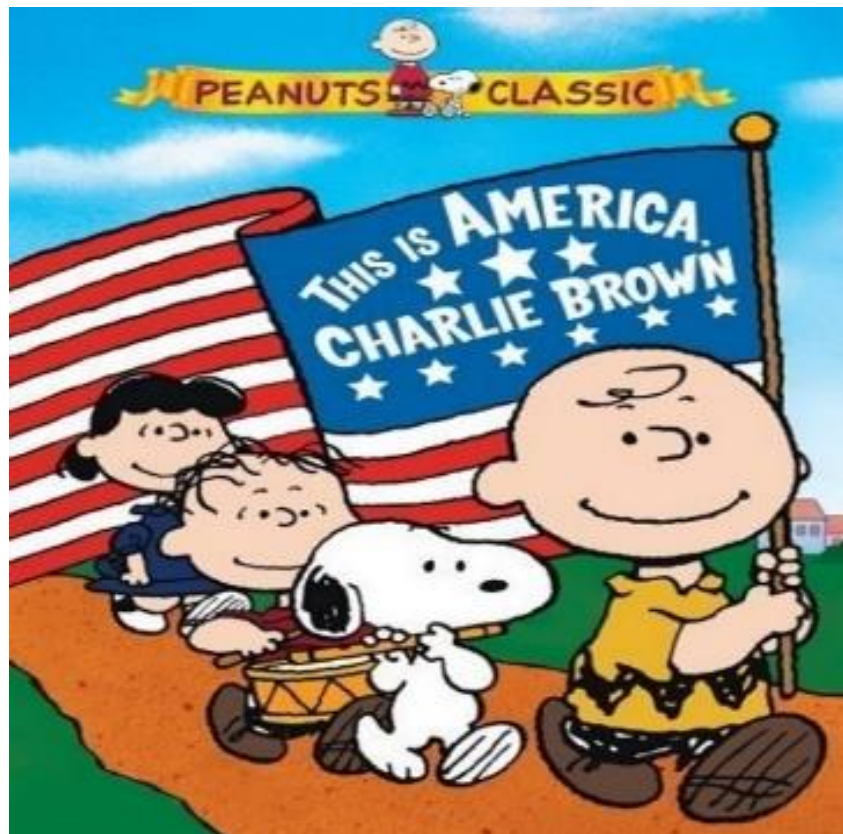
fora produzida. Com e por meio de seu desenho, um autor transmite uma mensagem. A indústria de desenhos e a indústria cinematográfica, com suas produções, têm poder de formação da opinião pública e poder de mudanças de costumes, podendo os seus discursos estarem aliados contra governos e grupos sociais ou algum aspecto destes, apresentando visões, discursos e ideologias. Além disso, o público receptor é sempre considerado quando alguma fonte audiovisual é produzida (NAPOLITANO, 2008; JAPIASSU, 1975; ALFACE; MAGALHÃES, 2011). Analisar uma fonte assim significa analisar o propósito dela e o público ao qual ela é dirigida. Fontes audiovisuais tendem a revelar cosmovisões de seus produtores. Outras fontes importantes que devem ser consideradas em uma análise de uma fonte audiovisual, incluem roteiros, sinopses, cenários, registros de marcações de cenas, contratos, propagandas, críticas, receitas e despesas de produção. Uma fonte audiovisual, mesmo que ambientado em um passado ou futuro distante, por exemplo, fala mais sobre o momento em que ele foi produzido do que a própria época que ela busca retratar. Diante de tais questões, fica claro que é preciso ir além do próprio desenho, filme ou fonte audiovisual, sem descartar uma análise tanto dos detalhes de conteúdo, implícitos e explícitos, da fonte, quanto do contexto ao redor dela (BARROS, 2011; NAPOLITANO, 2008). Diante dessas questões, a problemática deste artigo gira em torno de como a narrativa dos pais peregrinos é usada para sustentar uma narrativa e forjar uma identidade nacional estadunidense. Entre os fundamentos teóricos que guiam esta pesquisa estão autores que abordam tal assunto, como Mary Anne Junqueira (2001, 2018), Leandro Karnal (2007) e Alden T. Vaughan (1985). O objetivo desta produção é analisar o episódio da série animada *Peanuts* (*Amendoins*), da autoria do cartunista estadunidense Charles Schulz. Tendo considerado tais questões, passa-se à análise do episódio *The Mayflower voyagers* (*Os viajantes do Mayflower*) (1988) da série de desenhos do Charlie Brown.

## 1. ISTO É A AMÉRICA, CHARLIE BROWN: um panorama

O episódio em questão faz parte de uma pequena série de oito episódios sobre momentos considerados importantes na história americana, intitulada *This is America* (*Isto é a América*) (cf. figura 1), tendo ido ao ar, originalmente, de 1988 a 1989 na *Columbia*

*Broadcasting System* (CBS) (PERLMUTTER, 2018). Os primeiros quatro episódios foram ao ar como uma série semanal em outubro e novembro de 1988, enquanto os quatro episódios finais foram ao ar mensalmente, de fevereiro a maio de 1989 (TERRACE, 2013).

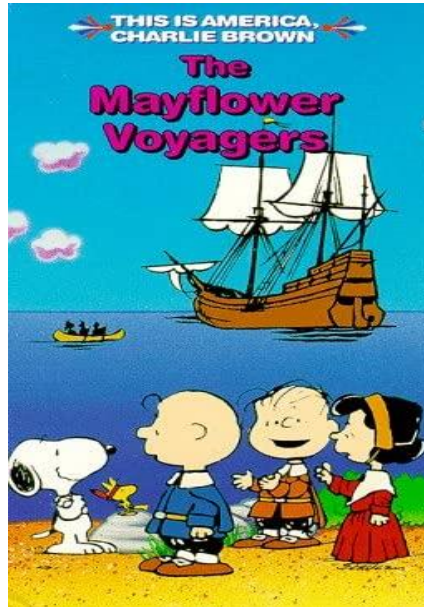
**FIGURA 1:** Especial Isto é a América, Charlie Brown.



Fonte: IMDB, 2021.

O episódio *The Mayflower voyagers* (*Os viajantes do Mayflower*) (1988) traz a temática do dia de ação de graças e a história dos pais peregrinos tendo Charlie Brown como o narrador (cf. figura 2). A história começa com a menção à data de 6 de setembro de 1620, 128 anos desde que Colombo havia descoberto a América. Em uma das cenas é apresentado o porto de Plymouth, na Inglaterra. O navio *Mayflower* é alugado por 102 pessoas, sendo 70 adultos, 32 crianças, alguns galos, galinhas, animais de estimação e um cachorro.

**FIGURA 2:** Os viajantes do Mayflower.



**Fonte:** AMAZON, 2021.

Alguns dos viajantes são descritos como aqueles que ficaram conhecidos com *peregrinos*, indivíduos que foram rumo a um novo mundo, em busca de liberdade religiosa. Outros, conhecidos como *forasteiros*, foram apenas em busca de riqueza na nova terra. Ainda, existiam os *serviçais contratados* e o restante, os membros da tripulação. Neste capítulo da série, Charlie Brown e seus amigos estão entre as crianças a bordo do *Mayflower*. Tendo saído da Inglaterra e embarcado no que viria a ser os Estados Unidos, a história contada revela dificuldades que assolaram a nova colônia, mostrando como a fé dos peregrinos em Deus permitiu que eles perseverassem. Na primavera de 1621, com um futuro incerto para a colônia, os peregrinos encontram os nativos americanos Samoset e Squanto, que milagrosamente falam inglês. Os nativos ensinam os peregrinos a viverem da terra, ato esse que acaba por levar ao primeiro dia de Ação de Graças e a um tratado de paz de cinquenta anos.

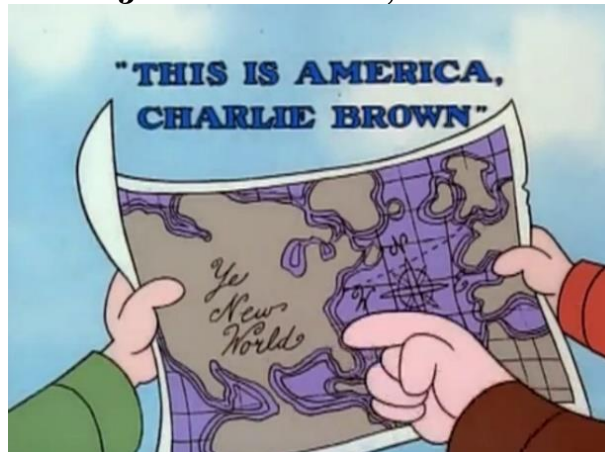


## 2. **ISTO É A AMÉRICA, CHARLIE BROWN:** uma análise

Apresentado o conteúdo do desenho, passa-se agora ao levantamento de algumas informações iniciais acerca do seu conteúdo. A série do Charlie Brown e sua turma, que faz parte da cultura americana desde 1950 (MARKETWATCH, 2021), não é apenas um desenho inocente com o propósito apenas de entreter as pessoas, trata-se de uma animação com conteúdo filosófico, psicológico e sociológico (BRITANNICA, 2021). No episódio em questão, não há contexto que demonstre como a turma do Charlie Brown surge no meio de um evento tão histórico. De início, eles parecem ser apenas uma fachada para atrair as crianças. Apesar disso, há um pretexto nisso, isto é, existe um uso do passado para fins no presente. Trata-se de uma história de fundação para unificação do povo, a criação de uma identidade cultural norte-americana, de maneira a fazer todos ali se sentirem pertencentes a uma mesma comunidade (LE GOFF, 1991; TODOROV, 2000). A história perpetuada dos peregrinos é utilizada para dar aos norte-americanos envolvimento comunitário e oferece modelos de conduta na vida pública. Geralmente, histórias assim podem servir para ajudar na consolidação de um projeto, oferecendo um exemplo vitorioso, que permite criar uma atmosfera em que a unidade nacional minimiza os conflitos existentes na sociedade. Além disso, evocar o passado pode ser um ato que visa reafirmar as virtudes daquele passado. Aqui, não foge do pensamento o reafirmar da virtude cívica (SOUSA, 2011). Quando houve a busca pela constituição da identidade norte-americana, buscou-se uma origem única para uma cultura diversificada.

Assim, é possível que, para romper com o passado colonial, manchado pela escravidão, por exemplo, recuperou-se do passado apenas a história dos peregrinos puritanos (JUNQUEIRA, 2018; VAUGHAN, 1985). Temas de fé e morte dominam o episódio e, diante disso, Linus repete a linha de que *eles têm que ter fé* para passarem por tempos difíceis. Embora *Deus* seja mencionado apenas duas vezes pelo nome (*God*, na versão em inglês, e *Deus*, na versão dublada para o português brasileiro) nos 24 minutos de episódio, as referências religiosas são abundantes. A retratação e a temática da morte são evidentes neste desenho. Os nativos americanos são chamados de *índios* e parecem falar de maneira lenta e afetada (LASERTIME, 2021).

FIGURA 3: “Isto é a América, Charlie Brown”.



Fonte: THIS, 1988.

Logo no início, é possível observar a apresentação do mapa e o título seguinte: *Isto é a América, Charlie Brown* (cf. figura 3). Interessante notar que essa é uma designação feita a partir de uma ótica posterior, o que levar à indagação de qual seria o nome do lugar onde hoje são os Estados Unidos, antes da chegada desses indivíduos que saíram da Europa. Outra questão digna de menção é o fato de estar escrito no mapa a expressão *novo mundo*, em cima do território onde hoje são os Estados Unidos. E quanto ao restante do continente? Há ali um silêncio e omissão, como se a América fosse reduzida apenas aos Estados Unidos. Parece fato cotidiano os americanos buscarem transmitir uma história acerca de si mesmos e uma cosmovisão de que eles são de alguma maneira especiais, diferentes do restante do mundo, com uma perspectiva autocentrada, algo que pode ser visto, por exemplo, no próprio sistema de ensino deles e, sendo mais preciso, quanto à questão do estudo geográfico e histórico. Não precisa ir longe, basta uma consulta breve na internet e será possível encontrar americanos que não entendem muito bem de história e geografia mundial, alguns deles têm certas dificuldades inclusive em saberem onde ficam países até de maior conhecimento (KIMMEL, 2020).

Quanto ao uso do termo *peregrino*, no desenho, pode haver discordância no sentido de caso uma peregrinação venha a ser considerada uma viagem a um local sagrado com perspectiva de retorno, sendo que aqueles viajantes se moveram permanentemente, o que, levado ao pé da letra, pode não ser uma peregrinação e, conseqüentemente, muito menos peregrinos. Neste capítulo do desenho, um tema constante é a religiosidade. De fato, afirma

Vaughan (1985), para a maior parte dos habitantes da nova Inglaterra do século XVII, a religião era o aspecto central de sua sociedade. A partir do início do desenho em questão, é possível afirmar que, no contexto da história dos indivíduos relacionados ao *Mayflower*, há indivíduos em busca de liberdade religiosa. Vista assim, a história se torna meio que irônica, uma vez que em momentos posteriores da história dos Estados Unidos, a religiosidade puritana se opôs a jesuítas e a quacres, com alguns destes últimos tendo sido mortos por enforcamento, por exemplo (KARNAL, 2007; VAUGHAN, 1985).

É útil mencionar que, na Inglaterra da época da viagem do *Mayflower*, o rei era o chefe da igreja inglesa. Sendo assim, era traição discordar das visões da igreja estabelecida. Para evitar as políticas repressivas do governo inglês, puritanos primeiramente foram para a Holanda. Embora não tenham sido perseguidos lá, eles não puderam prosperar. Além disso, os puritanos nunca tiveram a intenção de perder sua herança inglesa. Quando viram seus filhos adotando costumes holandeses e percebendo que não poderiam progredir economicamente na Holanda, eles decidiram partir e tentar a vida em um local diferente (MORA-RESTREPO, 2011; TEACH, 2021; CINEASTE, 2021). Há, também, uma busca de manter os peregrinos e, por consequência, a fundação dos Estados Unidos, nos tons mais heroicos possíveis (SOUSA, 2011). A questão da relação entre ingleses e indígenas, pode soar estranha, uma vez que há pessoas que imaginam que a história dos Estados Unidos é marcada por atritos constantes entre os agentes externos e os nativos, questão essa que é reforçada por desenhos como o *Pica-pau*, por exemplo, e filmes com temáticas do velho Oeste. Clarificando essa questão da relação entre esses dois grupos diferentes, Junqueira (2001) afirma que, em um primeiro momento, os peregrinos desenvolveram um relacionamento com os indígenas, com os quais aprenderam meios de sobrevivência, como cultivo do milho, planta originária das Américas, procedimento este que os salvou da morte e dos invernos rigorosos da região, algo que coincide com a narrativa trazida pelo desenho. Em um segundo momento, prossegue Junqueira (2001), com os peregrinos já estabelecidos e a chegada de novos imigrantes protestantes da Inglaterra, passaram a existir intentos no sentido de buscar civilizar o lugar, anexando terras em que viviam os nativos.

Complementando, Vaughan (1985) afirma que, apesar dos muitos casos de relações amistosas entre colonos e indígenas, interesses conflitantes e atitudes inconciliáveis fizeram

os europeus verem os nativos com suspeitas, desprezo e temor. Além disso, havia a tendência de colonos europeus inferirem que as nações cristãs tinham o direito de tomarem a terra dos considerados pagãos, fazer proselitismo e exercer jurisdição política sobre esses povos alheios à mensagem cristã. Parte disso pode ter tido eco no relato bíblico da tomada da terra prometida pelo povo de Deus, conforme registrado no livro bíblico de Josué (BÍBLIA, 2009).

**FIGURA 4: Schroeder tocando seu piano no fim do episódio.**



**Fonte:** THIS, 1988.

Outras questões ainda podem ser levantadas quanto ao desenho. Os responsáveis pela produção dessa fonte audiovisual não retrataram tortas de abóbora naquele dia de ação de graças primevo da história estadunidense. Essa informação talvez encontra explicação na afirmação de que os peregrinos estariam sem farinha há bastante tempo, tornando essa produção culinária impossível. Além disso, há um anacronismo, visto que garfos são apresentados, os quais não chegaram a Plymouth até o fim do século XVII (TEACH, 2021; RETROFLIX, 2021; CINEASTE, 2021). É curioso o fato de Schroeder (cf. figura 4), que não aparece durante a maior parte do episódio, não é visto embarcando no *Mayflower* e nem participando das tarefas que outras crianças realizaram, aparecer no final do episódio, tocando seu onipresente piano de brinquedo. À guisa de informação, o piano moderno foi inventado por volta de 1700 (YAMAHA, 2021). Diante disso, na versão do século XVII do tema tocado, o piano de Schroeder soa como um cravo (instrumento musical) (TVTROPES, 2021). Tendo considerado tais questões mais focadas no conteúdo do desenho em si, é útil



considerar questões que fogem do alcance e escopo do desenho, as quais podem ser úteis para o estudo da história norte-americana.

### 3. INDO ALÉM DA AMÉRICA DE CHARLIE BROWN

Indo além do desenho, existem outras informações dignas de menção. Em se tratando do contexto de navegação, é necessário reafirmar que aqueles que estavam no *Mayflower* não tinham sido os primeiros da região europeia a terem chegado naquilo que hoje é chamado de *América* (KARNAL, 2007; VAUGHAN, 1985). Os vikings, por exemplo, chegaram no que hoje é o Canadá quase cinco séculos antes de Colombo. A chegada desses nórdicos à parte Norte do continente americano chega a ser retratada, por exemplo, pela famosa série *Vikings* (2020), no episódio dezoito da sexta temporada. A partir de 1492, aquelas terras além-mar vieram a ser um horizonte para a presença de europeus. Navegadores como Giovanni da Verrazano, a serviço da França (Greene, 1837), Ponce de Leon, a serviço da Espanha (SWANTON, 1922), e outros já tinham pisado no território que veio a ser os Estados Unidos. Além disso, a rainha Elizabeth I concedeu permissão a *sir* Walter Raleigh, para que este começasse a colonização da América. Em 1584, 1585 e 1587, ele estabeleceu expedições à terra que ele batizou de Virgínia, em homenagem a Elizabeth. Em agosto de 1587, nasceu Virgínia, a primeira criança inglesa na América do Norte. No fim do século XVI, o projeto que estava sendo montado ali, por *sir* Walter, também tinha semelhanças com o sistema ibérico. O soberano concede ao nobre uma porção de terra assegurando seus direitos. No fim, a aventura do *sir* Walter morre com ele (KARNAL, 2007; VAUGHAN, 1985).

No início do século XVII, sob a dinastia Stuart, a Inglaterra revive o impulso colonizador. Novamente, a coroa entrega tal tarefa a particulares, mas não mais a nobres individuais. Ela entrega tal tarefa a companhias, como a de Londres e a de Plymouth. As companhias eram organizadas por comerciantes em busca de lucro. Segundo Karnal (2007), a atitude para com os indígenas nessa fase inicial foi praticamente a mesma no decorrer da colonização inglesa na América do Norte, a saber, a não integração do nativo. As duas companhias não duraram muito, mas, apesar dos fracassos, a colonização ganhou um

impulso que não acabaria. O conceito de que só colonos seletos foram para a América do Norte é uma generalização incorreta. A companhia de Londres, em 1624, por exemplo, destacou que seu objetivo era remover pessoas necessitadas da terra de origem, as quais poderiam acabar trazendo problemas com insurreições. Além disso, a remoção de tais pessoas serviria para deixar maior fartura para o sustento dos que ficassem no país. Assim, a Inglaterra acabou, por problemas de densidade demográfica, aproveitando a colonização como um meio de descarregar no novo mundo aquilo que não viesse a ser desejado no velho, como órfãos, mulheres sem futuro e pobres, por exemplo (KARNAL, 2007).

Além disso, por conta de ter existido perseguição na Inglaterra dos séculos XVI e XVII, a América veio a ser refúgio para alguns grupos religiosos. Em 1620, um dos grupos que chegou onde hoje é Massachusetts, a bordo do navio *Mayflower*, teve como líderes John Robinson, William Brewster e William Bradford, indivíduos religiosos e com formação escolar desenvolvida. Esses peregrinos firmaram um pacto estabelecendo que seguiriam leis justas e iguais. Tal documento ficou conhecido como *Mayflower compact*, sendo lembrado pela historiografia norte-americana como marco fundador da ideia de liberdade, apesar de o documento dedicar trechos à glória do rei James da Inglaterra (FONSECA, 2007; JUNQUEIRA, 2018): “[...] para a glória de Deus, avanço da fé cristã, e honra do nosso rei e país [...]” (THE MAYFLOWER, 1989, p. 13, nossa tradução). A chegada ao território foi difícil, o inverno na região era mais rigoroso que o inglês. O primeiro ano custou a vida de quase metade dos peregrinos. Antes da nova estação fria chegar, em 1621, os sobreviventes decidiram fazer uma *feira de ação de graças (thanksgiving)*, eles usaram a primeira colheita de milho, já que a plantação de trigo europeu falhara, e convidaram para a festa o chefe Massasoit, da tribo *wampanoag*, que os ajudou desde a chegada. O cardápio, segundo Karnal (2007), foi reforçado com uma ave nativa, o peru. Desde então, os estadunidenses repetem, em novembro, essa festa de ação de graças, reafirmando a ideia de que querem ter os pais peregrinos como modelo de fundação.

Dessa maneira, aqueles indivíduos são tidos como fundadores dos Estados Unidos. Para Junqueira (2018), eles não são pais de toda a nação, mas do grupo branco, anglo-saxão e protestante. Foi construída uma memória que os identificou como as bases sobre as quais a nação veio a ser edificada. “[...] Como toda memória, ela precisa obscurecer alguns pontos

e destacar outros” (KARNAL, 2007, p. 47). Esses puritanos, protestantes calvinistas, se viam como um novo povo de Israel com sua nova terra prometida, os eleitos escolhidos por Deus para criarem uma sociedade de eleitos. Assim, eles buscaram enfatizar tais questões à luz da Bíblia. Como os hebreus no Egito, eles foram perseguidos pela Inglaterra. Eles atravessaram um oceano, o que se assemelha à travessia do mar Vermelho (BÍBLIA, 2009; JUNQUEIRA, 2001). Frequentes são as referências à ideia de aliança entre Deus e esses colonos puritanos. O conceito de povo escolhido e especial diante do mundo é uma das marcas fortes na constituição cultural estadunidense. Apesar de esta ser a visão geralmente apresentada como sendo a história oficial, deve ser ressaltado que existiam vários tipos de colonos ali, como aventureiros, órfãos, membros de seitas religiosas, mulheres sem posses, crianças raptadas, africanos, degredados, comerciantes e nobres, gentes de dezenas de heranças díspares. A colonização europeia ao Norte do México foi internacional, diferente da colonização da América Central e da América do Sul, que desde o começo foi quase exclusivamente espanhola. A América britânica era uma terra de oportunidades para os europeus e de exploração para todos os outros (VAUGHAN, 1985).

#### 4. UMA CIDADE SOBRE A COLINA

Ronald Reagan, que era amigo do criador da série da turma do Charlie Brown (EXAME, 2021), foi presidente dos Estados Unidos, pelo partido republicano, de 1981 a 1989. Em seu discurso de despedida, no fim do mandato, ele citou John Winthrop (1588 – 1649), o qual liderou, após o *Mayflower*, o grupo religioso dos puritanos que chegou a bordo do navio *Arbella* e se estabeleceu igualmente na região de Massachusetts. Winthrop deixou documentado seus desejos para a nova vida na região. Para ele, o mundo que os peregrinos construía era como *uma cidade sobre a colina (a city upon a hill)*, um mundo pautado pela ética e moral religiosas, que tinha que brilhar como um farol, um modelo para a humanidade: “[...] Pois devemos considerar que seremos como uma cidade sobre uma colina. Os olhos de todas as pessoas estão sobre nós [...]” (WINTHROP, 1867, p. 19, nossa tradução). O puritano reafirmou o projeto dos peregrinos de que ali era um tipo de terra prometida, onde atuariam segundo sua crença de origem calvinista. A expressão, portanto,

é simbólica na vida dos Estados Unidos, pois evoca uma origem e propósito comuns da sociedade estadunidense (FONSECA, 2007; JUNQUEIRA, 2018). Em um discurso, do dia 11 de janeiro de 1989, Reagan afirmou:

Nos últimos dias, quando eu estive naquela janela do andar de cima, pensei um pouco na ‘cidade brilhando sobre uma colina’. A frase vem de John Winthrop, que a escreveu para descrever a América que ele imaginou. O que ele imaginou foi importante, porque ele foi um dos primeiros peregrinos, um dos primeiros homens da liberdade. Ele viajou até aqui no que hoje chamaríamos de um pequeno barco de madeira; e como os outros peregrinos, ele estava procurando um lar que fosse livre.

Eu falei da cidade brilhante durante toda a minha vida política, mas não sei se alguma vez comuniquei bem o que vi quando disse isso. Mas, em minha mente, era uma cidade alta e orgulhosa construída sobre rochas mais fortes do que os oceanos e rajadas de vento, abençoada por Deus e repleta de pessoas de todos os tipos, vivendo em harmonia e paz; uma cidade com portos livres que fervilhavam de comércio e criatividade. E se deveria haver muralhas na cidade, as muralhas tinham portas e as portas estavam abertas para qualquer pessoa com vontade e coração para chegar aqui. Foi assim que eu vi e ainda vejo [...] Fizemos a diferença. Tornamos a cidade mais forte, a tornamos mais livre e a deixamos em boas mãos. Em suma, nada mal, nada mal afinal. E, então, adeus, Deus te abençoe e Deus abençoe os Estados Unidos da América (REAGAN, 2021, nossa tradução).

Este foi um dos presidentes mais conservadores da segunda metade do século XX e usou Winthrop por conta de seu significado para os estadunidenses, bem como para indicar seu legado na busca por aprovação da nação. Ronald Reagan se colocou como uma espécie de herdeiro da missão do puritano, enquanto passava o bastão da presidência para George H. W. Bush (1989 – 1993), o qual tinha sido seu vice-presidente em seus dois mandatos (1981 – 1985 e 1985 – 1989) (ELSTON, 2021). Qual o motivo dessas informações? O episódio do Charlie Brown, sobre o *Mayflower*, foi lançado no dia 21 de outubro de 1988, data próxima da eleição presidencial no dia 8 de novembro de 1988. Essa informação é especialmente relevante, dado que, para muitos norte-americanos, o final dos anos 1970 foi um período conturbado e preocupante. Movimentos radicais e contraculturais dos anos 1960 e início dos anos 1970, o escândalo Watergate, a guerra do Vietnã, a incerteza no Oriente Médio e a crise econômica interna minaram a confiança dos americanos em seus concidadãos e em seu governo (HISTORY, 2021). Após ser eleito em seu primeiro mandato, Reagan, em seu governo, buscou ajudar financeira e militarmente governos anticomunistas



e insurgências em todo o mundo, por conta da crença que a disseminação do comunismo ameaçava a liberdade. Assim, as políticas do governo estadunidense foram contra essa ideologia, buscando lutar contra o comunismo em diversos países ao redor do globo, o que ficou conhecido por *doutrina Reagan* (PACH, 2006).

Mesmo a queda do mercado de ações em outubro de 1987 fez pouco para minar a confiança da classe média e ricos americanos na agenda econômica do presidente. Quando deixou o cargo em 1989, ele tinha o maior índice de aprovação presidencial desde Franklin Roosevelt. Em 1988, George H. W. Bush, que anteriormente fora vice-presidente de Reagan, derrotou o governador de Massachusetts, Michael Dukakis, nas eleições presidenciais (HISTORY, 2021). Portanto, a fala de John Winthrop, mencionada por Reagan na transição da presidência para Bush, sobre *uma cidade sobre a colina*, assim como o episódio do desenho de Charlie Brown e sua turma, mostram como narrativas são construídas a fim de se justificar questões e reforçar uma retórica heroica com intenções de forjar uma identidade estadunidense, apontando para uma história unificadora e primeva do país, com foco no patriotismo que influencie, forme opiniões políticas e dê legitimidade a certos discursos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da história do país, estadunidenses têm tido o costume de repetir, no mês de novembro, a festa de ação de graças, rememorando que eles querem ter os pais peregrinos como modelo fundacional. Esses indivíduos são tidos como fundadores dos Estados Unidos. Ao olhar para essa história, percebe-se que outras histórias não são contadas. O que se vê é uma narrativa de um grupo específico, branco, anglo-saxão e protestante. A historiografia desse país costuma consagrar essas pessoas como modelo de colonos. Uma memória é erigida, a qual enxerga os peregrinos, o *Mayflower* e o dia de ação de graças como fundamentos sobre os quais a pátria deve ser edificada. Ao optar por essa abordagem e ótica, naturalmente se obscurecem determinados pontos, enquanto outros são avultados. E nessa, não se fala da história dos indígenas, dos negros, dos mexicanos, dos chineses e de tantos outros povos que formam os Estados Unidos da América.

## REFERÊNCIAS

**ALFACE**, Henriqueta; **MAGALHÃES**, Olga. O Cinema como recurso pedagógico nas aulas de História. In: CAINELLI, M.; SCHMIDT, M. A. (Org.). **EDUCAÇÃO HISTÓRICA: teoria e pesquisa**. Ijuí. Unijuí, 2011.

**AMAZON**. The Mayflower voyagers. Disponível em: <https://www.amazon.com/Mayflower-Voyagers-America-Charlie-Brown/dp/6303152767>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**BARROS**, José D'Assunção. Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas. *Comunicação e sociedade*, n. 55, p. 175-202, 2011.

**BÍBLIA**. Português. **BÍBLIA SAGRADA**: Almeida revista e atualizada. João Ferreira de Almeida. São Paulo. Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.

**BRITANNICA. THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY**: the evolution of the form. Disponível em: <https://www.britannica.com/art/comic-strip/The-first-half-of-the-20th-century-the-evolution-of-the-form>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**CINEASTE**. Have you seen...? Disponível em: <https://cineaste83.wordpress.com/2012/11/22/have-you-seen-this-is-america-charlie-brown-the-mayflower-voyagers-direvert-brown-1988/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**ELSTON**, Heidi. George H. W. Bush. Minneapolis. Abdo, 2021.

**EXAME**. 20 curiosidades sobre Charles M. Schulz, criador de Peanuts. Disponível em: <https://exame.com/casual/20-curiosidades-sobre-charles-m-schulz-criador-de-peanuts/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**FONSECA**, Carlos da. “**DEUS ESTÁ DO NOSSO LADO**”: excepcionalismo e religião nos EUA. Contexto internacional. Rio de Janeiro. V. 29, n. 1, p. 149-185, 2007.

**GREENE**, George Washington. The Life and Voyages of Verrazzano. Cambridge. Folsom, Wells, and Thurston, 1837.

**HISTORY**. The 1980s. Disponível em: <https://www.history.com/topics/1980s/1980s>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**IMDB**. This is America, Charlie Brown. Disponível em: <https://m.imdb.com/title/tt0286397/mediaviewer/rm3265434112/>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**JAPIASSU**, Hilton. O mito da neutralidade científica. Rio de Janeiro. Imago, 1975

**JUNQUEIRA**, Mary Anne. **ESTADOS UNIDOS**: Estado nacional e narrativa da nação (1776-1900). São Paulo. Edusp, 2018.

\_\_\_\_\_. Representações políticas do território latino-americano na revista Seleções. Revista brasileiras de história. São Paulo. v. 21, n. 42, p. 525-542, 2001.

**KARNAL**, Leandro. O início In: **KARNAL**, Leandro; **PURDY**, Sean; **FERNANDES**, Luiz Estevam; **DE MORAIS**, Marcus Vinícius. **HISTÓRIA DOS ESTADOS UNIDOS**: das origens ao século XXI. São Paulo. Contexto, 2007.

**KIMMEL**, Jimmy. Can you name a country? Disponível em: <https://youtu.be/umpalMtQE50?si=KuOcq-W33ZwLDkh4>. Acesso em: 26 out. 2024.

**LASERTIME**. **RETRO REVIEW**: This is America, Charlie Brown. Disponível em: <https://www.lasertimepodcast.com/2015/11/21/retro-review-this-is-america-charlie-brown-the-mayflower-voyagers/>. Acesso em 3 abr. 2021.

**LE GOFF**, Jacques. **EL ORDEN DE LA MEMORIA**: el tiempo como imaginario. Barcelona. Paidós, 1991.

**MARKETWATCH**. How the 'Peanuts' gang has helped define American Holiday culture. Disponível em: <https://www.marketwatch.com/story/a-charlie-brown-thanksgiving-defines-holiday-tv-2012-11-20>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**MORA-RESTREPO**, Gabriel. **OBJECCIÓN DE CONCIENCIA E IMPOSICIONES IDEOLÓGICAS**: el Mayflower a la deriva. Estudios socio-jurídicos. Bogotá. v. 13, n. 2, p. 246-273, 2011.

**NAPOLITANO**, Marcos. **FONTES AUDIOVISUAIS**: a história depois do papel In: **PINSKY**, Carla Bassanezi (Ed.). Fontes históricas. São Paulo. Contexto, 2008.

**PACH**, Chester. **THE REAGAN DOCTRINE**: principle, pragmatism, and policy. Presidential Studies Quarterly, v. 36, n. 1, p. 75-88, 2006.

**PERLMUTTER**, David. The encyclopedia of American animated television shows. Lanham. Rowman & Littlefield, 2018.

**RATNER**, Norman. **O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA NORTE-AMERICANA**: Rio de Janeiro. Anima, 1985.

**REAGAN**, Ronald. Farewell address to the nation. Disponível em: <https://www.reaganlibrary.gov/archives/speech/farewell-address-nation>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**RETROFLIX. CARTOON REVIEW**: This is America, Charlie Brown. Disponível em: <https://retroflix.wordpress.com/2010/11/13/review-this-is-america-charlie-brown-%E2%80%9Cthe-mayflower-voyagers%E2%80%9D/>. Acesso em: 3 abr. 2021.



**SOUSA**, Jenny Gil. **OS MITOS DE ORIGEM E A IDENTIDADE CULTURAL:** a Presença de D. Dinis no imaginário leiriense. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL “A EUROPA DAS NACIONALIDADES – MITOS DE ORIGEM: DISCURSOS MODERNOS E PÓS-MODERNOS”, 2011, Aveiro, Atas. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2011.

**SWANTON**, John Reed. Early history of the Creek Indians and their neighbors. Washington. Government Printing Office, 1922.

**TEACH** with movies. This is America, Charlie Brown. Disponível em: <https://teachwithmovies.org/this-is-america-charlie-brown-the-mayflower-voyagers/#unique-identifiere>. Acesso em: 3 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. This is America, Charlie Brown. Disponível em: <https://teachwithmovies.org/this-is-america-charlie-brown-the-mayflower-voyagers/#unique-identifiere>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**TERRACE**, Vincent. **TELEVISION SPECIALS:** 5,336 entertainment programs, 1936-2012. 2. ed. McFarland, 2013.

**THE MAYFLOWER COMPACT – 1620** In: Constitution of the United States. California. Legislature assembly, 1989.

**THIS IS AMERICA**, Charlie Brown: The Mayflower Voyagers. Direção: Evert Brown. United States. Charles M. Schulz Creative, 1988.

**TODOROV**, Tzvetan. Los abusos de la memoria. Barcelona. Gràfiques 92, 2000.

**TVTROPES**. Western animation. Disponível em: <https://tvtropes.org/pmwiki/pmwiki.php/WesternAnimation/ThisIsAmericaCharlieBrown>. Acesso em: 3 abr. 2021.

**VAUGHAN**, Alden T. As origens da cultura norte-americana no século XVII. In: **COBEN**, Stanley; **RATNER**, Norman. **O DESENVOLVIMENTO DA CULTURA NORTE-AMERICANA**: Rio de Janeiro. Anima, 1985.

**VIKINGS**. It's only magic. Direção: Steve Saint Leger. Canada. History, 2020.

**WINTHROP**, Robert Charles. Life and Letters of John Winthrop. Boston. Ticknor and Fields, 1867.

**YAMAHA**. The story of the piano's invention. Disponível em: [https://www.yamaha.com/en/musical\\_instrument\\_guide/piano/structure/#:~:text=The%2Opiano%20was%20invented%20by,in%20around%20the%20year%201700](https://www.yamaha.com/en/musical_instrument_guide/piano/structure/#:~:text=The%2Opiano%20was%20invented%20by,in%20around%20the%20year%201700). Acesso em: 3 abr. 2021.